

# Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro

## RESUMO

**Walter Hugo de Souza Rodrigues**  
E-mail: [walterhugo.sr@gmail.com](mailto:walterhugo.sr@gmail.com)  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia,  
Goiás, Brasil

A pesquisa realizada neste artigo partiu da naturalização da virilidade e masculinidade impostas aos homens negros desde quando nascem. Refletimos também acerca dos estereótipos e questões identitárias naturalizadas como identidade intrínseca, bem como do estigma que neste artigo foi pensado como atributo interseccionado com a virilidade e hipersexualidade da masculinidade do indivíduo que nasce com a “missão” de ser o objeto sexual sempre pronto e disposto a ser objetificado na sociedade. Para isso, realizamos estudos teóricos de cunho interpretativo/bibliográfico, e análise qualitativa de imagens e comentários extraídos da internet referentes ao corpo do homem negro e sua complexidade com a finalidade de compreender e apontar os caminhos que foram construídos ao longo da história e se solidificaram no sistema normativo e excludente em que estes se encontram nas relações sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Negro. Estereótipos. Sensualidade. Virilidade. Masculinidade.

## INTRODUÇÃO

A objetificação do corpo masculino negro como viril, forte e insaciável parece sugerir que este corpo serve quase exclusivamente aos desejos do próprio corpo, deixando de lado outros aspectos (valores, pensamentos e direitos) da essência humana, como inteligência, cultura, educação etc. Nesse sentido, nos inquietamos a identificar: como operam as narrativas que circulam nos discursos em relação ao corpo negro masculino e que parecem instaladas no imaginário coletivo?

Compreendemos a objetificação, ou coisificação, como uma forma de interesse íntimo e de vislumbramento de um ser, descartando qualquer razão e emoção deste. Por exemplo, um cenário onde uma pessoa se deslumbrou com um modelo de carro em uma propaganda e sentiu-se motivada a consumi-la, ou seja, projetando seus desejos e expectativas sobre este objeto, logo, ela o objetificou.

A partir daqui já se observa o quão profunda é a problematização quanto a objetificação e a redução do ser humano a nada, retirando-lhe as propriedades que o qualificam como humano (QUEIROZ, 2013). No caso do homem negro, em especial ao seu corpo, nos aportamos à obra de Frantz Fanon (1925 – 1961), “Peles Negras, Máscaras Brancas”, originalmente publicada em 1952, que aponta um dos mecanismos de inferiorização e condição de um colonizador sobre um colonizado, ou melhor situando, de um homem branco sobre um homem negro.

(...) começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. (FANON, 2008, p. 94)

O que muito se faz em sociedades ocidentais e operadas por matrizes colonialistas/imperialistas é a associação da objetificação com o sexo, o que resulta ainda mais em danos e más interpretações por parte das pessoas. No caso da objetificação sexual, o indivíduo trata o outro como um simples instrumento sexual.

O corpo observado ao longo dos tempos expressa que alguns marcadores acabam sendo mais reforçados de acordo com o tempo e espaço que ocupam, ou seja, em alguma medida, a objetificação de alguns atributos são mais valorizados ou hipersexualizados quando localizados, exemplo disso são os seios femininos que, em dados momentos, são supervalorizadas as mulheres de seios fartos, e em outros as de seios “naturalmente” harmoniosos. Assim como o órgão sexual masculino do homem negro que em dado momento da história chegou a ser objeto de estudo e exposição “guardado em recipiente com formol e exibido na Europa causando *frisson* em uma plateia que ao mesmo tempo se espantava e desejava o que via” (FRIEDMAN, 2001, p. 98), sendo que hoje se tornou símbolo de masculinidade, virilidade e desejo sexual, como veremos nas próximas problematizações do texto.

O histórico de como o corpo foi visto e representado ao longo dos tempos pela sociedade é marcado por discursos de grandes líderes, potências e instituições que definiram e redefiniram o que e como as gerações futuras representariam e se comportariam frente as questões acerca do corpo e a vida em sociedade.

## A CONSTRUÇÃO DO CORPO

### A Sociedade Ateniense

O corpo ainda tem seu status e função de ser visto, valorizado e até mesmo cultuado em diferentes tempos, culturas e povos.

O modelo de corpo perfeito e de referência, como acontecia na Grécia Antiga, em Atenas, era desenvolvido como instrumento a ser treinado e aprimorado com exercícios físicos e meditações.

A nudez nessa época era uma prática considerada natural, aliás, bem-vista pelas pessoas por transmitir a vivacidade do indivíduo. Poderíamos definir como uma visão de egoísmo por partes dos atenienses ou até uma leve incorporação de narcisismo, mas o que se sabe é que a beleza exuberante de um corpo e suas funcionalidades eram realmente valorizadas.

O corpo nu é objeto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representava a sua saúde e os gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante (BARBOSA et. al. 2011, p. 25).

No que diz respeito às questões morais o que existiu na verdade foram normas estabelecidas pelo então governador de Atenas, Sólon, que visava evitar que cidadãos, excluídos escravos e mulheres, pudessem aproveitar os “prazeres da vida”, mas de forma a esquivar aos exageros.

Observa-se nessa dinâmica de corpo e sexo livres que os cidadãos atenienses influenciavam e eram influenciados por discursos de valorização do individual, de contemplação corporal e de sua beleza física. O corpo aqui era para ser visto, usado, treinado e desejado, assim como o sexo.

### O Cristianismo e a Idade Média

A Era do Proibido se instala com o advento do forte poder do cristianismo na sociedade, se estendendo e fortificando-se na Idade Média. Não é de hoje que a influência da Igreja<sup>1</sup> permeia nas ações individuais e coletivas das pessoas, e com o corpo não foi diferente.

A visão do cristianismo sobre o corpo se resumia na divisão entre corpo e alma, sendo o corpo físico ligado a história da crucificação de Deus e a alma ligada a manutenção da espiritualidade.

O bem-estar da alma deveria prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne. O corpo, prisão da alma, era, pois, um vexame, deveria ser escondido. Então, durante os mil e quinhentos anos seguintes (...), vexado de si mesmo, carregado de culpas por ser feito de carne e de sexo, assaltado por pudores, encobriu os seus membros e os seus músculos (BARBOSA, et. al. 2011, p. 26).

Dada essa diferença de representação, o corpo que antes era visto como belo e glorificado, passou também para um olhar de respeito e pecado. Tal influência colocou o homem na posição de escolha entre o que era “certo ou errado”, e que marcaria mais uma vez a representação do corpo na sociedade. No período da Idade Média, a influência do cristianismo nas relações sociais manteve-se sólida e ganhou ainda mais força com o poder da Monarquia.

O homem medieval era extremamente contido, a presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa. O cristianismo dominou durante a Idade Média, influenciando, portanto, as noções e vivências de corpo da época. A união da Igreja e Monarquia trouxe maior rigidez dos valores morais e uma nova percepção de corpo (BARBOSA, et. al. 2011, p. 26).

Algumas das penitências executadas nessa época para quem se atentasse contra o corpo e a moral, era assistida e tida como festiva pela comunidade que acompanhava a punição dos réus. A decapitação e a fogueira foram alguns dos métodos de coerção usados para demonstrar o castigo ‘merecido’ a quem ousasse desafiar tal sistema.

### A Era Moderna

O corpo na Era Moderna, por exemplo, é marcado pelo início da conhecida Revolução Industrial, marco este que mudaria não somente a questão do corpo, mas em outras questões fundamentais da vida dos trabalhadores do século XVII e séculos subsequentes, como o capital, o trabalho, o consumo, entre outros (MARTINS, 2006).

Por conta do crescimento e desenvolvimento do sistema capitalista, a forma de produção passou por uma mudança considerável, deixando a utilidade do trabalho braçal em segundo plano e dando vez ao trabalho mecânico, executado quase que completamente pelas máquinas. A função do corpo ao homem nesse dado momento da história se restringia apenas ao movimento mecânico com finalidade de ganho de capital no fim das contas.

Ainda que compreendido como um sistema injusto e manipulador, a evolução na área industrial possibilitou a sociedade novas ideias e perspectivas quanto a vida em sociedade e ao próprio corpo. A produção e o consumo juntamente a ideia de manutenção corporal e dos padrões estéticos começam a fazer parte do novo modelo de vida a ser seguido.

A sociedade ocidental atual é a sociedade do hipermodernismo, onde tudo acontece rápido e se caracteriza pelo excesso das coisas. A explosão de informações e o “hiper” que é visto nos exageros cotidianos, como a televisão e seus programas, a *internet* e inúmeras páginas, os aglomerados urbanos, entre

outros, buscam dessa forma ampliar, potencializar e expor tudo, inclusive à vida do indivíduo que tem o tempo como seu maior desafio.

Certa essência narcisista acompanha as pessoas nos dias de hoje em uma dinâmica de devoção e culto ao corpo, algo que pode ser observado no cotidiano com as ações dos indivíduos que buscam e investem em um corpo tido como perfeito, principalmente se conquistar tal feito no menor tempo possível.

A corpolatria (o culto ao corpo) passa pelo treino, pela sexualidade, pela estética e pela medicina, promovendo mudanças que fazem o corpo enquadrar-se em uma ordem discursiva segundo a qual ele deve ser magro (...), fortalecido, bem-modelado (...) belo e jovem. A sua sexualidade pode ser escondida ou mostrada, a depender de fatores como a posição-sujeito ocupada pelos sujeitos. Observou-se que nos enunciados direcionados ao público feminino o apelo à beleza dá-se por meio dos sentimentos de confiança e autoaceitação, enquanto naqueles direcionados ao público masculino o culto ao corpo ocorre principalmente para adquirir força e tornar-se sexualmente atrativo. (LACHI; NAVARRO, 2012, p. 35).

As questões referentes ao corpo e a sexualidade interseccionam-se de tal forma ao longo da história que parecem dialogar como uma coisa só, no sentido de suas normas e transformações, e na manutenção das dinâmicas de poder em nossa sociedade. A sexualidade, segundo Michel Foucault (1999, p. 99):

é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

O discurso que se faz nesses casos, já generalizados e padronizados, é a busca de um corpo bonito e com saúde, porém o que se percebe também é um desejo de obter com esse corpo maior satisfação, reconhecimento e visibilidade social, o que nos leva novamente à nossa pergunta de pesquisa: como operam as narrativas que circulam nos discursos em relação ao corpo negro masculino e que parecem instaladas no imaginário coletivo?

## AS FACES DA MASCULINIDADE

Aos poucos novas faces e formas de masculinidades são apresentadas e ficam à espera da aprovação, da permissividade dentro da “heterossexualidade” – sendo ela a norma, ou pelo menos, a principal referência. Um dos exemplos a este respeito é o sujeito metrossexual, homem que se identifica e se afirma heterossexual, e que se submete a processos antes considerados exclusivos do gênero feminino, como uso de cremes, idas ao cabeleireiro, manicure e pedicure, modela sobrancelhas, mas por não apresentar na maioria das vezes trejeitos que ponham em dúvida sua conduta de masculinidade, não é deslocado ou realocado no gênero oposto. Nestas situações, em nome da modernidade as novas formas de masculinidade e até mesmo de feminilidade (dada às devidas proporções e

claro ao maior grau de submissão imposto as mulheres) é aceitável que se transite entre os campos da masculinidade e feminilidade sem maiores problemas e traumas desde que a “postura” seja condizente com o seu papel social de homem/mulher de origem. Nesta perspectiva, portanto, não gera ou promove algo que seja desconfortável para a conduta e padrões socialmente estabelecidos ou esperados.

De forma a pluralizar esse discurso, e representação de corpo e estilo de vida, os meios publicitários apoderam-se da vontade e desejo de cada pessoa em seu íntimo, despertando a necessidade de consumir esse ideal estético (PELEGRINI, 2006). Além da validação e revalidação de constantes redes sociais virtuais, aplicativos de namoro e encontros casuais e sexuais, entre outros meios que impulsionam esse discurso e vivências.

Essa liberdade de modificação do próprio corpo como assim o indivíduo julgar adequado e melhorar cada parte separadamente que lhe cause incômodo ou transtorno, o insere no sistema hipermoderno e reafirma o discurso dos *medias*. Reiterando essa compreensão de novo padrão físico-corporal, buscamos em Malu Fontes (2006) com sua ideia de “corpo canônico” para designar o modelo de corpo atual, difundido pelos meios de comunicação de massa, que almeja e se faz de referência à boa forma, saúde e beleza.

Como refere Teresa Cristina Carreteiro (2005), o corpo pode se classificar em quatro modelos: o corpo território, o corpo viril, o corpo do excesso e o corpo-beleza. Tais modos de viver o corpo se entrelaçam e se transformam de acordo com os objetivos dos indivíduos, ou seja, são construções sociais, que assim como demais campos sociais também são modificados ou ressignificados de acordo com o tempo e espaço inseridos.

Compreendendo o gênero também como uma construção social do masculino e feminino e que por meio deste, as relações sociais e sexuais são estabelecidas e possivelmente vivenciadas, tudo que foge a esta norma ou a esta construção, que não se submete as regras impostas fica vulnerável e obviamente exposta às comparações do que é permitido e aceitável, e isso tudo dentro deste conceito de heteronormatividade. A construção e a reprodução de gênero ocorrem tanto no plano individual quanto no plano da sociedade, ambas são igualmente importantes e cada pessoa deve ter a possibilidade de moldar os papéis e as normas atribuídas particularmente e reproduzir esses papéis e essas normas agindo em conformidade com suas expectativas.

Os valores e as crenças não podem ser desvinculados da história e da instituição, por isso, cada um precisa seguir os seus próprios caminhos, isso faz manter a diferença do outro.

O etnocentrismo argumentou Lévi-Strauss, não apenas não é ruim em si, como é até uma coisa boa, pelo menos desde que não fuja ao controle. Não há nada de ofensivo em se colocar o próprio estilo de vida ou o próprio modo de pensar acima dos outros ou em sentir pouca atração por outros valores (GEERTZ, 2000, p. 69-70).

O problema do etnocentrismo acontece por impedir o ângulo através do qual devemos nos situar, nos posicionar em relação ao mundo, e aos outros, uma barreira é formada não permitindo olhar de outra maneira.

No caso do corpo território, que se caracteriza pela adição ou subtração de marcas e objetos que compõem a sua identidade, há a intenção do indivíduo de transmitir mensagens diretas ou não a sociedade, pois existe um reflexo do que sua matéria física mostra sobre sua subjetividade, sobre o seu íntimo. Os adeptos do corpo território em geral são pessoas que vão contra a corrente do modismo e dos padrões de beleza impostos pela sociedade, entretanto, esse mesmo grupo social se insere em subpadrões estéticos.

Outro modo de viver o corpo é o chamado corpo viril. Tratado nesse manuscrito a partir da perspectiva da virilidade masculina, a hipersexualização do corpo negro – pois ela se comporta e se classifica neste padrão estético. O corpo negro viril é, na grande maioria dos casos, treinado, moldado e trabalhado a fim de passar uma imagem de energia, vigor e potência, muitas vezes associado ao trabalho braçal, ao esforço físico, atividades que moldam o corpo, a estética masculina e reforçam a virilidade desejada ou almejada ao corpo do homem negro.

É importante ressaltar, que na maioria das vezes essa virilidade é associada ao tamanho do órgão sexual masculino. Espera-se que as proporções penianas do homem negro sejam “compatíveis” com a sua masculinidade, então virilidade, potência sexual e tamanho do pênis devem ser proporcionalmente equiparadas.

A imagem a seguir tem circulado na internet (Figura 1) como uma provocação, algo também para promover a discussão e tem sido inclusive compartilhada por pessoas negras. Certamente por falta de conhecimento ou mesmo falta de interesse na problematização, não consideram que a estátua de Davi foi esculpida de acordo com características da época, onde o pênis pequeno estava relacionado a racionalidade, lógica e a questão cristã de pureza, enquanto o pênis grande era visto como um retrato de loucura, luxúria e feiura.

Figura 1 – “Eu acho que um dos motivos da escravidão foi a inveja”



Fonte: Facebook<sup>2</sup>

O corpo do excesso se caracteriza como o próprio nome já diz, uma imoderação de práticas ao corpo. Distúrbios alimentares são mais comuns neste caso, onde a relevância da saúde corporal (e mental) se inferioriza em larga escala com a valorização estética e uma suposta “boa imagem” a ser passada à sociedade.

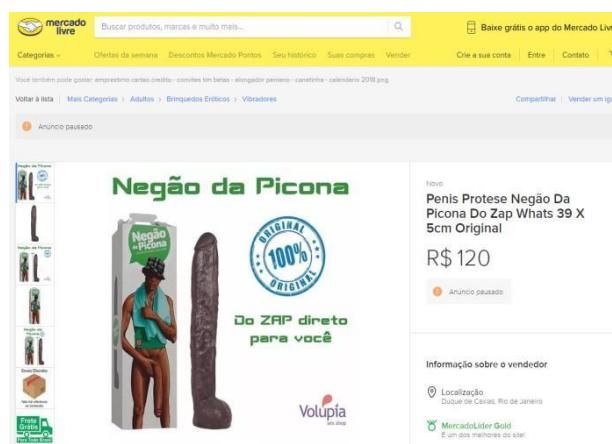
O corpo-beleza se associa a essa realidade com suas práticas dúbias, pois compreende tanto discursos que visam o corpo como instrumento a ser remodelado constantemente e com discursos de manutenção para um corpo saudável e para o seu bem-estar.

Em termos nacionais, a identidade do(a) brasileiro(a) é conhecida e reconhecida fora do país pela sua cultura e diversos fatores positivos, porém há ainda uma visão estereotipada da imagem da mulher e do homem brasileiros. A representação, por exemplo, da mulher com seios fartos, pele bronzeada, cintura fina e bunda avantajada e a representação do homem com pele morena, corpo definido e viril são vendidos e retransmitidos ao mundo em uma generalização de uma identidade estereotipada e limitada. E isso acontece em larga escala através da reafirmação feita pelos meios de comunicação de massa. Para Fontes, o corpo brasileiro é:

Um corpo construído e encenado em nome da beleza, do prolongamento da juventude e da espetacularização das formas, exploradas midiaticamente como elementos identitários, sobretudo no cenário brasileiro, onde, todo o tempo, se referencia e reverencia-se a sensualidade dos traços corporais da mulher e do homem associando-os à sexualidade dos trópicos (2006, p. 10).

Essa representação estereotipada nos parece ser também “comprada” pela sociedade brasileira, isso porque tal discurso formado é mantido e financiado pelas ações de consumo de cada indivíduo, resultando assim no reforço de ideais estéticos. Não se demora muito a obter em uma rápida consulta em sites de busca, tais produtos, então a máxima de que se tem quem venda, tem quem compre, é confirmada. O anúncio abaixo (Figura 2) deixa claro as características encontradas nesse “Negão da Picona”.

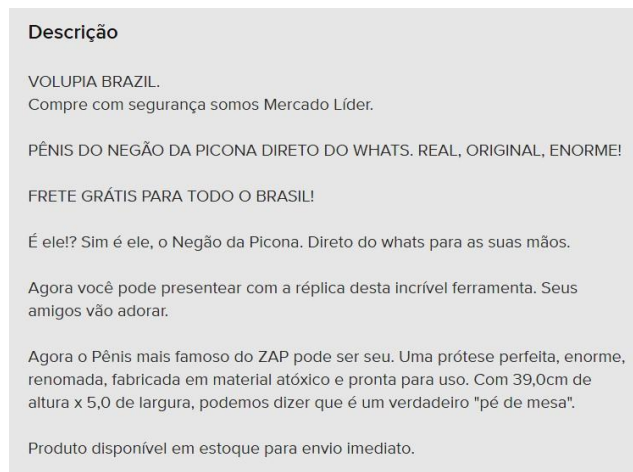
Figura 2



Fonte: Mercado Livre



Figura 3



Fonte: Mercado Livre

O tom de ironia, o sarcasmo e deboche do anúncio (Figura 3) faz parte do discurso e da realidade já presenciada e vivida por muitos homens e meninos negros, apelidos como “pé de mesa”, “jumento” e outros mais são corriqueiros para a maioria deles que precisam aprender a lidar com essas situações, bem como se desejarem e conseguirem, precisam aprender a resistir e assumirem outra postura.

É esperado dos homens desde pequenos que se comportam como homens, ou seja, que apresentem comportamentos que não sejam considerados de mulheres, como se tais comportamentos fossem motivos para vergonha e humilhação. Aos meninos negros esta cobrança possivelmente seja ainda mais acentuada quando se trata de “gays afeminados, viados e bichas, reduzindo ainda mais um período que já é naturalmente curto” (OLIVEIRA, 2017, p. 126).

Aos homens negros é ensinado ou até mesmo imposto que sigam uma conduta diferenciada dos demais homens (não negros) para serem “aceitos” ou estarem de acordo com as dinâmicas e papéis sociais, validando o discurso racista de superioridade do homem branco sobre o homem negro.

Tomando como referência os estudos teóricos desenvolvidos por Michel Maffesoli (2001), Dênis de Moraes (1997) acerca dos imaginários, de Luiz Henrique Passador (2015) com os estereótipos e também de Erving Goffman (1975) sobre os estigmas, nos inquietamos e, como diz o samba “a sensualidade da raça é um dom” (REZENDE; FILHO, 2005), questionamos: Que sensualidade? Que raça? E que dom, aliás, é um dom? Nesse sentido, são questões que podemos problematizar e inferir a questão naturalizada e que nos acompanham como brasileiros desde que nos entendemos como sociedade miscigenada ou, pelo menos, sociedade de maioria não branca.

Assim podemos começar a entender o que o imaginário social, segundo o sociólogo francês Michel Maffesoli (2001), corresponde ao que ele chama de cimento social. Para o autor o imaginário é “o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). E assim como o imaginário, o inconsciente coletivo “é simplesmente o conjunto dos preconceitos, mitos, atitudes coletivas de um grupo determinado” (FANON, 2008, p. 159).

De acordo com Dênis de Moraes (1997), em suma, o imaginário é construído de forma coletiva pelos membros de um ou mais grupos através de representações, signos e símbolos (imagens, textos, costumes, tradições, ritos, mitos, lendas, memórias, etc) que têm significados aproximados para todos os envolvidos.

Dessa forma, podemos perceber que as relações cotidianas de grupos da sociedade produzem e reproduzem, como num sistema infinito de interconexões, as vivências e percepções da vida dos indivíduos uns com os outros de maneira positiva ou negativa.

Para melhor compreensão e intersecção dos atributos, acreditamos que seja fundamental nos aproximarmos do conceito de mito, certamente ele – o mito – é capaz de expressar muito da percepção ou dos discursos socialmente construídos, a saber que:

O mito está localizado num tempo muito antigo, “fabuloso”. Nos tempos da “aurora” do homem; ou, pelo menos, os homens o colocam nos seus tempos da “aurora”, fora da história; o mito não fala diretamente, ele esconde alguma coisa. Guarda uma mensagem cifrada. O mito precisa ser interpretado. (...) o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, exposto, dado. No entanto, possui um valor e, mais que isto, uma eficácia na vida social. (ROCHA, 1991, p. 8)

O mito, portanto, possibilita compreender melhor alguns aspectos socialmente construídos, seu valor social certamente é capaz de ser percebido no cotidiano social e pode acabar por fortalecer algumas práticas sociais.

Compreendida a importância do mito para a vida social, sua construção fluida e possibilidade de definições e interpretações, conscientes de que esta interpretação é um jogo e não uma certeza (ROCHA, 1991), a temporalidade, a localização, o espaço, a sociedade em que está contextualizado nos aproximam de outra categoria denominada de Estigma.

O estigma envolto do homem negro beira a uma animalização do ser por variados fatores, reduzindo-o a criminalidade, violência, desprestígio, como um apedeuta, além da erotização exacerbada através da hipersexualização de seus corpos, pois “diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital” (FANON, 2008, p. 138).

A novela “Segundo Sol”, da Rede Globo de Televisão, exibida no horário nobre das 21 horas, antes mesmo de sua estreia já se apresentava em meio a polêmicas sobre a falta de representação racial de negros em sua história que se passa em Salvador, Bahia, região com a maior população negra fora da África (MORENO, 2016), mas com um elenco majoritariamente branco. O folhetim, apesar disso, tem reforçado com imagens e discursos através de dois personagens secundários que vem sendo constantemente objetificados, onde tais personagens negros não tem relacionamentos sexuais e afetivos com mulheres negras, no entanto estão se relacionando e envolvendo principalmente sexualmente com mulheres brancas que expressam seu fetiche por homens negros, principalmente se estes se assumem ou são estereotipados como o “negão”, o que acaba por reforçar o mito e estereótipo do homem negro, sua virilidade e sua “potencialidade” enquanto negão comedor e saciador.

Fanon (2008, p. 139) relata também em sua obra “Peles Negras, Máscaras Brancas”, o depoimento de uma prostituta que se relacionava com homens negros, narrando através de seu imaginário a experiência diferenciada que tivera com um homem como este.

(...) só a ideia de dormir com um negro a levava ao orgasmo. Ela os procurava sem exigir dinheiro. Mas, acrescentou, “dormir com eles não tinha nada de mais do que com os brancos. Eu chegava ao orgasmo antes do ato. Eu ficava pensando (imaginando) tudo o que eles poderiam fazer: e era isso que era formidável”.

Uma notícia veiculada no portal “Notícias da TV” (Imagens 4 e 5), do jornalista Daniel Castro, onde a manchete se utiliza de uma expressão pejorativa como o “sexo com negão” para chamar a atenção do leitor a matéria consolida-se em mais uma, das tantas ações preconceituosas e racistas que ainda permeiam no discurso e imaginário coletivo.

Figura 4



Fonte: Uol - Notícias da TV

Figura 5

MÁRCIA PEREIRA - Publicado em 30/06/2018, às 05h36

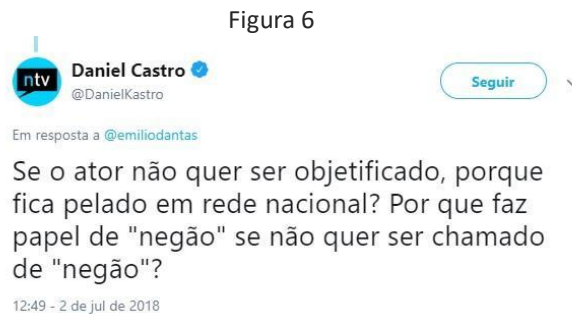
Rochelle (Giovanna Lancellotti) usará Acácio (Danilo Ferreira) para dar o troco em Manuela (Luisa Arraes). Ela tascará um beijaço no capoeirista na frente da irmã, que se jogará ainda mais nas drogas. O novo casal aparecerá transando nesta segunda-feira (2) em Segundo Sol, mas o romance durará poucos dias. Na quinta (5), a blogueira vai mostrar para seu seguidores o “pós-sexo com o negão”, e eles brigarão.

A patricinha confessará que só o usou para se vingar e falará barbaridades para o pessoal do casarão em que ele vive. Chamará os moradores de mortos de fome e dirá que a ocupação não passa de um cortiço.

Fonte: Uol - Notícias da TV

A matéria repercutiu de maneira massivamente negativa nas redes sociais e culminou em uma série de críticas ao site e ao jornalista responsável pelo portal. E apesar da polêmica, há quem defenda o estereótipo em questão e a objetificação do ser, ou, pelo menos, não perceba a gravidade e profundidade que há nessas

generalizações, como o caso abaixo e a resposta dada pelo jornalista do portal no Twitter (Figura 6) sobre a discussão.



Fonte: Twitter

O estigma tem a sua legitimação construída por meio do estereótipo. Neste sentido, portanto, refletimos que o estigma é parte estruturante do estereótipo, já que ele – estigma, é representado.

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (...) Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (...) Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (GOFFMAN, 1975, p. 14-15)

Para Goffman (1975), existem três tipos de estigma, a saber: 1) as deformações físicas que chama de abominações do corpo – deficiências motoras, auditivas, visuais; 2) as culpas de caráter individual – vícios, comportamento sexual, tentativas de suicídio; e 3) os estigmas tribais relacionados ao pertencimento a uma raça, nação ou religião, no caso dos sujeitos de que me aproximo na pesquisa.

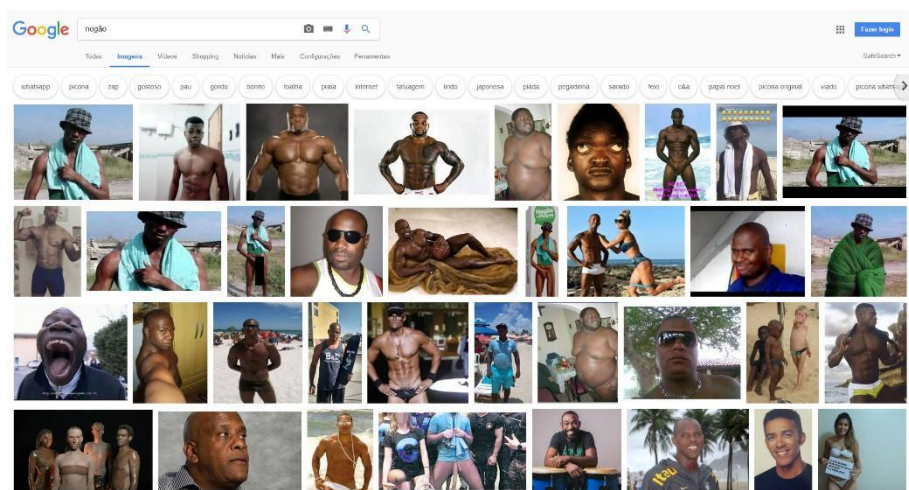
A concepção de um estereótipo é espelhada em modelos hegemônicos, ou seja, de acordo com o que a maioria da sociedade espera como ideal, sendo produzida pelo próprio corpo social à manutenção dos papéis sociais de homens e mulheres nas dinâmicas de poder.

Além de ser espelhada, ela também é disseminada e compartilhada através dos meios tecnológicos e pela internet. Através das novas tecnologias são produzidos e compartilhados conteúdos e benefícios para toda a sociedade, aproximando povos, culturas e conhecimentos, mas, ao mesmo tempo, ainda alimenta preconceitos, mitos e estigmas através de imagens, textos, vídeos e outros conteúdos promovidos pelos usuários dessa grande rede virtual.

Ao tornarem-se principalmente mediadas pelas redes de comunicação eletrônica, as novas tecnologias de comunicação têm mudado a maneira pela qual as pessoas interagem entre si e com as informações recebidas pela rede. As tecnologias digitais geram processos de comunicação que conectam usuários do mundo todo, gerando um fluxo que, virtualmente, coloca todos em contato com todos, e no qual o controle do conteúdo postado é praticamente impossível, pois toda informação é disseminada em níveis nunca antes experimentados. (MACHADO; PEREIRA, 2013, p. 4).

Exemplo disso, temos a principal plataforma de busca da internet (Figura 7), onde percebemos através da busca pelo termo “negão” a forma nítida de reprodução dos estigmas, dos estereótipos e dos mitos através de imagens resultantes de termos relacionados e perpetuados no imaginário coletivo.

Figura 7



Fonte: Google Imagens<sup>3</sup>

Nesta relação de exposição da hipersexualização do corpo do homem negro no ambiente virtual, associamos com o recente fenômeno da sociedade contemporânea nos últimos anos com o *sexting*, que nada mais é que a junção das palavras *sex* (sexo) e *texting* (texto) que significam o compartilhamento de conteúdos textuais, imagéticos e audiovisuais com teor erótico e/ou sexual. De acordo com Suzana da Conceição de Barros (2013, p. 28), o termo *sexting*:

[...] consiste no envio, compartilhamento e postagem de mensagens eróticas, fotos de corpos desnudos e de vídeos que mostram relações sexuais, ou seja, de materiais que apresentam conteúdos sexuais, sensuais e eróticos, por meio de tecnologias digitais (smartphones, tablets, computadores, e sites de redes sociais, como Facebook, Twitter, etc).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tais imagens e do que foi apresentado, acreditamos que a problematização discorrida sobre a objetificação da figura do homem negro, viril, másculo, incansável sexualmente e sempre pronto e disposto a satisfazer desejos sexuais, tanto os seus quanto os de outras pessoas, reforçam a necessidade de desmistificar tal figura, desfazer tal mito e imaginário estereotipado e racista que persegue, como uma sombra, a sua dignidade enquanto ser.

É preciso humanizá-lo no sentido de assegurar que não há obrigação alguma deste homem ou garoto negro corresponder a tanto preconceito e senso comum que são impostos ao longo de seu desenvolvimento, do início ao fim da vida. E é mais que necessária a efetiva participação das instituições (escola, família, trabalho...) para que estejam alinhadas com novos olhares sobre esses meninos e futuros homens negros, e que suas inseguranças e fragilidades não sejam diminuídas ou abafadas, mas que suas qualidades e, mais uma vez, voltamos a pontuar, sua dignidade, seja respeitada.

Percebemos também que há ainda um caminho árduo para o homem negro se reconhecer e acolher a sua negritude em um mundo imperado por valores e condutas ditas superiores. Resistir e insistir é quase que uma palavra de ordem, pois “quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será (FANON, 2008, p. 34), ou seja, quanto mais ele se afastar de suas raízes e de sua ancestralidade para se adaptar aos modelos hegemônicos de raça, masculinidade e sexualidade, mais ele se torna o oposto de sua própria origem.

Considera-se pertinente continuar problematizando e compartilhando saberes sobre a temática, inclusive a partir de outros/as autores/as, almejamos amadurecer esta proposta, pois é urgente a necessidade do mesmo, visto que os preconceitos ganham novos contornos e espaços até mesmo onde imaginávamos já terem sido superados. Alguns discursos vêm sendo retomados por questões que vão surgindo por fatores históricos, como é o caso do fluxo migratório que acaba por fazer surgir a necessidade de esclarecimentos, bem como outros surgem por questões de ignorância no sentido de falta de informação, mas não se pode esquecer que alguns preconceitos acabam vindo disfarçados do clássico discurso “sempre foi assim”, ou é só uma brincadeira.

Seguiremos combatendo o preconceito por meio de problematizações e contribuições com a temática para que possamos desenvolver novos olhares e concepções sobre o homem negro e seu papel na sociedade em que vivemos.

# Demystifying the naturalized sensuality of ebony: A study of the objectification of the black man's body

## ABSTRACT

The research conducted in this article started from the naturalization of virility and masculinity imposed on black men since they were born. We also reflect on the stereotypes and naturalized identity issues as intrinsic identity, as well as the stigma that was thought in this article as an intersected attribute with the virility and hypersexuality of the masculinity of the individual born with the "mission" of being the always ready and willing sexual object. to be objectified in society. For this, we conducted theoretical studies of interpretative/bibliographic, and qualitative analysis of images and comments extracted from the internet referring to the body of black man and its complexity in order to understand and point out the paths that were built throughout history and solidified. in the normative and excluding system in which they find themselves in social relations.

**KEYWORDS:** Black man. Stereotypes. Sensuality. Virility. Masculinity

# Desmitificando la sensualidad naturalizada del ébano: Un estudio sobre la objetivación del cuerpo del hombre negro

## RESUMEN

La investigación realizada en este artículo comenzó a partir de la naturalización de la virilidad y la masculinidad impuesta a los hombres negros desde que nacieron. También reflexionamos sobre los estereotipos y los problemas de identidad naturalizados como identidad intrínseca, así como el estigma que se pensó en este artículo como un atributo entrecruzado con la virilidad y la hipersexualidad de la masculinidad del individuo nacido con la "misión" de ser el objeto sexual siempre listo y dispuesto. ser objetivado en la sociedad. Para ello, realizamos estudios teóricos de naturaleza interpretativa / bibliográfica, y análisis cualitativo de imágenes y comentarios extraídos de Internet que se refieren al cuerpo del hombre negro y su complejidad para comprender y señalar los caminos que se construyeron a lo largo de la historia y se solidificaron. en el sistema normativo y excluyente en el que se encuentran en las relaciones sociales.

**PALABRAS CLAVE:** Negro. Estereotipos. Sensualidad. Virilidad. Masculinidad.

## NOTAS

<sup>1</sup>A igreja em questão se refere ao catolicismo. Entretanto, outras denominações cristãs compartilham de posicionamentos mais rígidos e tradicionais quanto ao corpo, ao sexo, ao proibido, como as igrejas neopentecostais, por exemplo.

<sup>2</sup>O post original encontra-se de forma pública, o que explica também o grandioso número de compartilhamentos e comentários da publicação.

<sup>3</sup>Figura 7. Resultados de pesquisa com o termo “negão”, no Google Imagens, disponibiliza ao internauta variadas imagens, majoritariamente, de homens negros com os seus corpos a mostra.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Raquel, MATOS, Paula Mena, COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1. p. 24-34, 2011.

BARROS, Suzana da Conceição de. Discutindo sobre Sexting. **Diversidade e Educação**, [S.l.], v.1, n.2, p. 28-31, 2013.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Corpo e Contemporaneidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62-76, 2005.

CASTRO, Daniel. **Se o ator não quer ser objetificado, porque fica pelado em rede nacional?** Por que faz papel de “negão” se não quer ser chamado de “negão”? [S.l.], 2 jul. 2018. Twitter: @danielkastro. Disponível em: <<https://twitter.com/DanielKastro/status/1013872418392289280>> Acesso em: 22 ago. 2018.

FACEBOOK. **Eu acho que um dos motivos da escravidão.** Foi a inveja. [S.l.], 16 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=851748338360343&set=a.370338509834664&type=3&theater>> Acesso em 17 ago. 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira, 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. IN: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília, **Anais...** Brasília, UNB, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRIEDMAN, David M. **Uma mente própria: história cultural do pênis.** Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GEERTZ, Clifford. Os usos da Diversidade. IN: **Nova Luz sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 68-85.



GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOOGLE IMAGENS. **“Negão”**. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=neg%C3%A3o&rlz=1C1NHXL\\_pt-BRBR779BR779&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj2noDRv6TdAhUBQJAKHQAC2gQ\\_AUICigB&biw=1920&bih=974](https://www.google.com.br/search?q=neg%C3%A3o&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR779BR779&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj2noDRv6TdAhUBQJAKHQAC2gQ_AUICigB&biw=1920&bih=974)> Acesso em 10 ago. 2018.

LACHI, Poliana. NAVARRO, Pedro. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetiva. IN: TASSO, Ismara. NAVARRO, Pedro. (orgs). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 15-39.

MACHADO, Nealla Valentim. PEREIRA, Silvio da Costa. Sexting, mídia e as novas representações da sexualidade. IN: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 36, 2013, Manaus. **Anais...** Manaus, AM, 2013. Disponível em: <http://http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1134-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MERCADO LIVRE. **Produto**. Disponível em: <[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-866478756-penis-protese-nego-da-picono-do-zap-whats-39-x-5cm-original-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-866478756-penis-protese-nego-da-picono-do-zap-whats-39-x-5cm-original-_JM)> Acesso em 12 ago. 2018.

MORAES, Dênis de. Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, n 1. p. 93-103, 1997.

MORENO, Sayonara. **Cidade mais negra fora da África, Salvador completa 467 anos**. Salvador: Agência Brasil, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa>> Acesso em: fev. 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PASSADOR, Luiz Henrique. **Etnocentrismo, estereótipo e preconceito**. IN: COMFOR, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2015. Disponível em: <[http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca\\_virtual/GDE/mod1/Semana4.pdf](http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/mod1/Semana4.pdf) >. Acesso em: 20 jun. 2018.

PELEGRINI, Thiago. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais [versão online]. **Revista Urutágua**, Maringá, [s.v.], n. 8. 2006. Disponível em: <[www.urutagua.uem.br/008/08edu\\_pelegrini.htm](http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm)> Acesso em: 6 jul. 2018.

QUEIROZ, Ivo Pereira de. **Fanon, o reconhecimento do negro e o novo humanismo**: horizontes descoloniais da tecnologia. 2013. Tese (Doutorado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

REZENDE, Paulo. FILHO, Nelson de Moraes. **Meu ébano**. Intérprete: Alcione. *IN: UMA NOVA, paixão*. Intérprete: Alcione. [S. l.]: Indie Records, 2005. CD-ROM, faixa 8 (3 min).

ROCHA, Everardo. **O que é mito?** São Paulo: Brasiliense. 1991.

UOL. **Notícias da TV**. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/segundo-sol-rochelle-usa-sexo-com-negao-para-se-vingar-de-irma-drogada--21179>> Acesso em: 22 ago. 2018.

**Recebido:** 30/12/2018.

**Aprovado:** 25/09/2019.

**DOI:** 10.3895/cgt.v13n41.9281.

**Como citar:** RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Walter Hugo de Souza Rodrigues  
Edifício Itanhangá Palace, Rua 10, 887 - St. Oeste, Goiânia – GO, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

